

vembro. A República tinha que ser salva em bases sólidamente conservadoras. João Pinheiro, idealista prático, tinha os pés firmes na terra. É o que pretende demonstrar êste livro que reúne documentos de várias épocas da vida pública e particular do grande mineiro, desde o seu tempo de estudante na Academia de Direito de São Paulo até a presidência de Minas Gerais, onde a morte o surpreendeu, no momento em que as forças políticas se agrupavam em tôrno do seu nome para elevá-lo à presidência da República. O desaparecimento de João Pinheiro seria glosado na época como uma desgraça nacional. Ainda que ao historiador só caiba interpretar o fato histórico em si mesmo — o que foi e não o que deveria ter sido — estamos com Afonso Pena Júnior, fazendo nossas as belas palavras com que o ilustre mestre mineiro lamenta o vôo interrompido de João Pinheiro: “Quantas e quantas coisas teriam amanhecido mais cedo, e sob clima melhor, se os destinos nacionais tivessem estado em mãos de incomparável animador, daquele que se orgulhava das mais profundas raízes populares”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\*

\*      \*

DEAN (Warren). — *A Industrialização de São Paulo*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil”. Difusão Européia do Livro e Editôra da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1971.

Com êste trabalho Warren Dean se propôs estudar o papel empresarial em São Paulo e o faz a partir da *geração* da indústria pelo comércio do café. Considera que os “súbitos progressos” nessa região nas décadas de 1880 e 1890 foram a causa da industrialização e o café

“proporcionou o movimento ‘ao longo de uma ampla frente’ que Gerschenkron acredita indispensável para que a industrialização se processe e para que sejam superadas as resistências inerentes às economias estagnadas” (1).

Acrescenta que o caso de São Paulo foi único na América Latina, uma vez que nem sempre um comércio de exportação animado conduz a uma empresa industrial de certa importância. Portanto, deve-se explicar não só essa unicidade como também observar o fato de que o surto de café foi se tornando cada vez menos importante para o crescimento da indústria. O tratamento de ambas as questões é feito do ponto de vista dos próprios industriais, cujas decisões aparecem como um fator causativo da industrialização — a perspectiva histórica, no caso, aparece como essencialmente socioológica e Dean observa, não esquecendo os aspectos macroeconômicos que

---

(1). — Warren Dean, pág. 15.

“por mais adequadas que se apresentem as circunstâncias para a industrialização, a decisão de destinar recursos a êsse propósito não será tomada enquanto as percepções e interesses da elite não estiverem favoravelmente empenhados” (2).

Êsse comportamento depende de sua composição e relações com os outros grupos sociais e nesse sentido o industrial “não é a causa não causada” e sim o representante de um nôvo grupo com o poder de reestruturar completamente a sociedade, o que

“talvez seja alguma coisa que nem ele mesmo é capaz de compreender” (3).

O papel empresarial é focalizado em três aspectos: inicialmente estudada as origens do empresário, no período que vai de 1880 a 1914; e aqui, basicamente, êle vê a importação como a “matriz econômica” do nascente empresário industrial, rejeitando a idéia de que pudesse haver desencôntro de interesses entre indústria nacional e atividade importadora, sendo que os primeiros industriais se originam tanto de uma “burguesia” imigrante, quanto rural, com ambas se fundindo — no caso, demonstra a ausência de antagonismos mais profundos, que Dean procurou, entre o nascente setor industrial e o cafeeiro.

Numa segunda parte, envolvendo os anos que vão de 1914 a 1930, examina o crescimento e a expansão da indústria em relação à

“circunstância histórica e a estrutura dos negócios” (4).

Abre aqui uma polémica bastante renovadora para o estudo e a pesquisa históricos ao colocar à prova a teoria de “crise” como fator propulsor da industrialização, em seus termos —

“compara-se particularmente o crescimento industrial com o crescimento do setor de exportação, a fim de por à prova a teoria de que a indústria cresceu porque o comércio exportador declinou” (5).

Percebe-se que tal abordagem lança dúvidas sôbre um modelo teórico de análise bastante difundido no tratamento da industrialização do Brasil (6) e que também encontra lugar em estudos teóricos que envolvem a dinâmica do sistema ca-

---

(2). — Warren Dean, pág. 22.

(3). — Warren Dean, pág. 22.

(4). — Warren Dean, pág. 21.

(5). — Warren Dean, pág. 21.

(6). — Werner Baer, *Industrialization and Economic Development in Brazil*.

Homewood, 111., 1965; R. Simonsen, *Evolução Industrial do Brasil*. São Paulo, 1939; Nícia Vilela Luz, *A Luta p la Industrialização do Brasil*. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1961; Fernando H. Cardoso, *A Estrutura da Indústria de São Paulo*, in “Educação e Ciências Sociais”. Fevereiro de 1960; Caio P. Jr., *História Econômica do Brasil*. Editora Brasiliense. São Paulo; Dean (pág. 108) faz severas críticas especificamente a Celso Furtado.

pitalista internacional. Preocupado em mostrar que a indústria se expandiu porque cresceu o comércio de exportação, Dean examina o papel da Primeira Guerra e a expansão posterior, de 1920 a 1940, apresentando sérias dúvidas sobre os dados utilizados, especialmente por Roberto Simonsen (7), nos estudos referentes ao crescimento industrial durante a Primeira Grande Guerra.

Na terceira parte de seu trabalho Dean examina o papel empresarial, como grupo que, tendo exigências próprias a fazer à sociedade, entra em conflito com outros setores econômicos, e é esse conflito que o interessa. Para isso, reexamina as relações do empresariado com os importadores, com o setor agrário e com a classe média — após o que, especificamente, entra no exame de seu comportamento em relação ao operariado e ao Estado. Nessa parte examina os anos que vão de 1930 a 1945, embora se estenda além, de uma forma rápida, com exame da intervenção estatal na reorganização do ambiente em que operavam comércio e indústria e na procura de soluções para a estagnação econômica.

Não é possível deixar de observar que a obra é bem mais rica do que as linhas acima deixam entrever, uma vez que o autor se preocupou, em cada capítulo, temas menores, colocando em questão numerosas teorias já aceitas. E se em sua primeira parte é difícil não aceitar seu estudo, na segunda ele faz uso de cálculos e exames que ainda irão exigir numerosas pesquisas e revisões; na terceira parte o autor utiliza conceituação e expectativas de comportamento para as quais não possui dados convincentes — é o que se pode inferir sobre seus estudos referentes à classe média, à Revolução de 1930 ou ao Estado Novo (8).

Seu estudo do empresário industrial é bastante importante e apresenta inovações em relação a outros, também numa perspectiva sociológica, feitos no Brasil. Luciano Martins (9), por exemplo, vê o processo de industrialização detonar-se em relação a causas exógenas, mudança “induzida” de fora, e isso seria importante para observar-se o comportamento do empresário; e na mudança de peso relativo de um sistema de produção por outro (primário-exportador e interno), as camadas que detinham o poder no primeiro modelo, já não o detém no segundo. Warren Dean viu o mesmo processo ocorrer em resposta a transformação internas, relacionado ao próprio café e constatou certa identidade de interesses entre as elites de ambos os setores econômicos, quando não uma união entre elas. Já Fernando H. Cardoso (10) em

---

(7). — Roberto Simonsen, *A Evolução Industrial do Brasil*.

(8). — Para que se possa examinar com mais cuidado o problema da Revolução de 1930 e mesmo da classe média, examine-se Bóris Fausto, *A Revolução de 1930*. Editora Brasiliense. São Paulo. 1970. O autor, por sinal, apoiou-se em Warren Dean quanto à análise do setor industrial.

(9). — Luciano Martins, *Formação do Empresariado Industrial*. In “Revista Civilização Brasileira”, nº 13. Rio de Janeiro. 1967.

(10). — Fernando H. Cardoso, *Os Setores Industriais no Processo de Desenvolvimento* in “Mudanças Sociais na América Latina”, Difusão Européia do Livro. São Paulo. 1969. Publicado anteriormente em S. M. Lipset e Aldo Solari (editores), *Elites in Latin America*. Oxford University Press. New York, 1967.

artigo citado pelo próprio Dean (11), criticou os estudos sôbre elite industrial a partir de uma “teoria geral das elites empresariais” (12), relacionada como exame dos EE.UU e Europa; observou que as diferenças estruturais e históricas redefinem as condições, formas e objetivos da ação dos empresários na América Latina e aí devem ser vistos seus limites, como grupo de pressão e participação política. Seu maior problema é encontrar, em sua origem, condições de produção e mercado já definidas, grupos sociais já organizados, o que traria uma politização das funções empresariais, uma vez que o empresário não deveria voltar-se apenas para a empresa, mas concomitantemente para a formulação e implantação de uma “política de desenvolvimento”. O exame de sua origem (empresário) envolvendo as condições sociais da mesma e do contexto mais amplo onde a própria economia se insere, não tem dado uma idéia de um empresário “progresista”, voltado para um projeto de “desenvolvimento”. Dean nada acrescentou com relação a isso e ao examinar-se o final de seu livro:

“Com a repetição da crise econômica em 1937 e a aproximação da guerra, não admira que o Estado parecesse melhor preparado do que os empresários para resolver o problema da estagnação e incentivar a rápida industrialização. Quando se verificou ser um erro a reaplicação da teoria de comércio liberal, depois da guerra, os controles foram reasumidos por um governo manifestamente relutante, que se viu também obrigado, por falta de outra alternativa, a chamar o capital estrangeiro nas condições por êle impostas. Até certo ponto, os industriais não apresentaram ao Brasil a solução para a sua crise econômica, senão a própria crise” (13).

Relembrando que o próprio autor destacou na obra que as soluções para o crescimento econômico eram procuradas por outros setores sociais, que não o empresarial, observa-se que Dean também tem em vista um certo tipo de empresário, esperando que êste se voltasse para o desenvolvimento como projeto social. Apesar de que, em vista das condições e especificidades históricas locais, os estudos do autor não o terem levado a encontrar esse empresário procurado, Warren Dean não deixa de criticar a ação empresarial em São Paulo, uma vez que não está totalmente desvinculado da idéia de um empresário visto com fator causativo do “desenvolvimento”, relacionado a um projeto social que esse mesmo empresário deveria dirigir.

CARLOS ALBERTO VESENTINI

\* \* \*

---

(11). — Warren Dean, pág. 21.

(12). — Fernando Henrique Cardoso, *Mudanças Sociais na América Latina*, artigo citado, pág. 83.

(13). — Warren Dean, pág. 254.